



A Escola de Atenas (1508-11), afresco de Rafael

Nasce a **filosofia**

Com os gregos, surge uma nova atitude, que tem êxito devido às condições sociopolíticas: a de não aceitar relatos sobre o mundo com base na tradição, mas questionar e exigir razões para aquilo que é aceito

POR **MARCO ZINGANO**

A filosofia grega nasceu em um momento determinado, em uma região precisa: foi em torno do século VI a.C., nas costas da Jônia (hoje pertencentes à Turquia), em cidades comerciantes como Mileto e Éfeso. Seu apogeu foi o período clássico ateniense, nos séculos V e IV a.C., marcado por três grandes filósofos: Sócrates, Platão e Aristóteles. A filosofia grega, contudo, estendeu-se ainda por outros séculos e nunca deixou de apresentar figuras im-

portantes e inovadoras, como Zenão de Cítio, fundador do estoicismo (c. 333-262 a.C.), Plutarco de Queroneia (50-120) ou Plotino (205-270).

Segundo a tradição, Tales foi o mais antigo investigador da natureza; viveu em Mileto, no séc. VI a.C., tendo previsto um eclipse que ocorreu em 585 a.C., e tornou-se um símbolo do gênio matemático (o homem é um Tales, diz uma personagem nas *Aves* de Aristófanes). Foi objeto de uma anedota que caracteriza o filósofo

até hoje: enquanto olhava para o céu para observar os astros, caiu em um poço; uma escrava trácia fez troça dele, e a história circulou até que Platão a relatou em seu diálogo *Teeteto*. Outros pensadores vieram, levando adiante as reflexões iniciadas com Tales. Da mesma cidade, em época muito próxima, Anaximandro pôs-se também a tentar explicar o mundo. Ele é o primeiro filósofo de quem temos uma citação — a famosa sentença de Anaximandro, que traz, já com tanta clareza, outra marca da

filosofia, a ambição de falar sobre todas as coisas: a fonte da geração de tudo o que existe é também o seu lugar de destruição segundo a necessidade, pois pagam castigo e retribuição uns aos outros pela injustiça, segundo a ordem do tempo". Não sabemos exatamente como ocorre essa expiação nem mesmo por quê, tampouco que injustiça é essa – mas tudo o que passa por ela. Depois deles, ainda em Mileto, a tradição preservou alguns ditos de Anaxímenes; a cidade próxima de Colofon conheceu a atividade do pensador Xenófanes, que atacou a caracterização antropomórfica dos deuses nos cultos religiosos; enfim, como que para consolidar, na Jônia, a filosofia nascente, os cidadãos de Éfeso eram surpreendidos pelos ditos sibilinos de Heráclito, logo denominado "o obscuro", a quem Hegel presta expressa homenagem ao declarar que incorporou em seu sistema todos os fragmentos que dele nos restaram.

Com o atomismo, entramos na segunda metade do século V; Anaxágoras já está em Atenas, sendo escutado por Eurípides e Péricles. É esse período que conhecerá a atividade filosófica de Sócrates, que concentrará sua atenção nos problemas morais, deslocando o eixo das investigações da natureza ao homem. Um de seus discípulos, Platão, fundará uma escola, a Academia, que terá, entre muitos outros, um aluno vindo de Estagira, Aristóteles, que,

dade: a biblioteca) nos foi legada não em sua integralidade, mas somente em uma pequena parte – que é de uma riqueza ímpar: basta pensar nas obras de Platão e Aristóteles ou nos relatos que nos sobram da filosofia dos estoicos.

Não se deve, contudo, pensar que foi uma evolução pacífica, sem retrocessos. Ao contrário, desde seu surgimento, a filosofia teve de lutar por um espaço na cidade. A condenação de Sócrates é, certamente, um caso singular, cuja explicação depende em muito das circunstâncias políticas da guerra civil que assolava então a Grécia; no entanto, não deixa de ser reveladora de uma atitude de suspeita que a cidade sempre teve com estes grupos de pessoas que ficavam retirados da vida comum, que se isolavam em suas escolas para estudar a natureza e o homem. Quando, em 529, o imperador Justiniano fecha a Escola de Atenas, esse não é senão mais um episódio, por certo emblemático, de um conflito surdo que sempre existiu entre a filosofia e a cidade.

Não é, assim, um acaso que tantos escritos filosóficos sejam, no fundo, defesas da própria atividade: fazer filosofia não era algo banal, sem contestação, mas era uma atividade que sempre precisou justificar-se ao longo da existência das escolas filosóficas. Quando a situação política pareceu estabilizar-se, então novamente a filosofia voltou a ser contestada, agora do ponto de vista conceitual, pelo advento do cristianismo, que manteve com ela uma relação de alta ambigüidade: de apoio e recuperação, de um lado, mas também de aversão e condenação, de outro, assim que não prestasse mais apoio aos dogmas religiosos. A filosofia voltou a ficar em uma posição incômoda, por vezes muito incômoda, até que o conflito entre religião e saber teve sua solução na modernidade em prol da razão.

Porém, o que, afinal, nasceu com os gregos? Não é fácil responder a essa pergunta. O que surgiu foi um movimento, ou melhor: uma atitude, que lentamente foi ganhando espaço graças, em parte, às condições sociopolíticas em que se encontrava a Grécia, mas em parte também



Anaximandro, o primeiro cartógrafo

por sua vez, fundará também uma escola, o Liceu. A filosofia, agora instalada em Atenas, capital cultural da Grécia Antiga, marca definitivamente a vida grega. Mesmo quando conquistada e subjugada por Roma, a Grécia continuará a ser o celeiro de idéias e, do ponto de vista cultural, antes conquistada que é conquistada. O helénismo conhecerá em especial três escolas: o estoicismo, o epicurismo e o ceticismo. Junto com as tradições platônica e aristotélica, que nunca deixaram de ter seus defensores, temos aqui um meio fértil para os debates filosóficos, que vão continuar, intermináveis, sofisticados, com inúmeros compromissos, curiosos ecletismos, mas também com novas posições, como a filosofia de Plotino. Esta produção cultural extremamente rica (que criou, entre outras coisas, até mesmo um lugar para estocar tanta engenhosidade e criativi-

Rapidamente o movimento se alastrou por outras cidades, atingido a Grécia inteira. Em particular, floresceu nas costas hoje italianas, então colônias gregas, em uma versão que terminou por se confundir com uma seita, o pitagorismo, mas também ocorreu em uma forma depurada, de alto logicismo, como é a escola de Parmênides e Zenão de Eléia, que negavam a existência do movimento com base em argumentos de natureza lógica. A partir daqui, a filosofia se desenvolveu em sistemas cada vez mais sofisticados, que sempre fazem referência aos passados, em relação aos quais tentam demarcar-se mediante alguma novidade. Cabe citar, em especial, um movimento espetacular, que foi sempre marginal na Antiguidade, mas que, como contraponto, marcou todas as discussões e influenciou decisivamente a perspectiva moderna: o atomismo de Demócrito e Leucipo, depois retomado por Epicuro, doutrina para a qual o mundo é um epifenômeno composto por um número infinito de átomos, partículas indivisíveis, cujo aglomerado provém de uma certa mistura, segundo uma ordem e posição, constitui tudo o que vemos no mundo.



Taça ática, datada de 480 a.C., mostra sala de aula, onde alunos aprendem a tocar e a escrever

e talvez sobretudo às personalidades que souberam dar corpo a essa nova atitude. Tal nova atitude é a de não mais aceitar relatos sobre o mundo com base na tradição, mas questionar e exigir razões para aquilo que é aceito. Como surgiu o mundo? De que ele é feito? A essas perguntas os novos pensadores buscaram respostas que tentavam justificar com base em razões e à luz de evidências. Para isso, tiveram não só de tentar pensar o mundo, mas também de pensar o que é isto, pensar o mundo; não bastava dizer, de modo similar aos relatos míticos, de onde surgiu o mundo, era preciso também garantir a razoabilidade de seu próprio discurso, isto é, as condições de explicação e conhecimento do mundo. A filosofia nasce como uma recusa definitiva do mito, mas recusar o mito não é somente substituí-lo por outro relato: ao contrário, é, sobretudo, refletir sobre as condições próprias do relatar, é justificar não somente o que se fala, mas também como se fala. A filosofia recusou o mito porque soube fazer esse duplo movimento de investigação: falar de outro modo do mundo e falar sobre como se deve falar do mundo. E, nessa medida, ela rapidamente encontrou um novo objeto, ao qual imediatamente se colocou: aquele que fala, o homem, e seu lugar especial no mundo do discurso e das razões.

Quando nos voltamos aos primeiros filósofos, não podemos deixar de nos surpreender com a ingenuidade das pri-

meiras respostas. Tales dizia que tudo era água; Anaxímenes replicava que tudo era ar; Anaximandro foi mais longe e disse que tudo o que é vem e volta ao indeterminado, o *ápeiron*. Hoje, essas respostas são de uma simplicidade que nos desarma; mais ainda, nos parecem similares aos relatos míticos, e mesmo muito similares. O que mudou com os primeiros filósofos gregos? Mudaram não as respostas, mas o modo de perguntar. Não se trata mais de relatar, segundo a tradição, a formação do mundo, a posição do homem, o fardo de nossa existência; trata-se agora de questionar a própria questão e exigir de cada resposta o bem fundado das razões e evidências com base nas quais se pode tomar o que é dito por um conhecimento. É esse duplo movimento que permite que uma nova atitude, criada em solo grego, possa sobreviver por tanto tempo e ser legada ao Ocidente como uma aventura intelectual que tem data de nascimento e que, como todo fato humano, pode ter fim um dia. O que encanta em Tales não é o que disse, mas como disse; não é quanto falou, mas para quem falou – seus iguais, que devem examinar as razões que alega e decidir por si próprios se são boas razões.

Assim nasceu a filosofia, sempre contestada na cidade, mas forte o suficiente para se preservar dos mais violentos ataques, pois não é uma doutrina, e sim uma atitude. A filosofia é a atitude que

caracteriza a aventura intelectual ocidental: dar razões e apelar a evidências, mas sempre justificando as condições em que e por que diz algo. Esta atitude se realiza hoje em grande parte como explicação científica do mundo; com efeito, em seu nascimento, a filosofia continha em si a ciência e fazer ciência era, naquela época, fazer filosofia. Hoje, porém, não só a ciência se demarca da filosofia, como também a vê muito freqüentemente com antipatia. A repulsa que antes tinha a cidade em relação à filosofia ficou agora interna à própria aventura que a filosofia fez surgir: a ciência repele hoje a filosofia. Isto não surpreende, pois é mais uma marca da filosofia que nos foi legada pela Grécia. A aventura intelectual que é a filosofia não se erige em sistema, a não ser quando decadente; ela é antes o incessante questionar, muitas vezes vertiginoso, do que os outros dizem em busca de suas razões e do modo como concebem o próprio ato de falar do mundo e do homem. A filosofia herdada dos gregos é fundamentalmente socrática nesse ponto. Sócrates declarava que só sabia que nada sabia, mas, por isso mesmo, exigia dos outros as garantias do saber que alegavam ter. Essa atitude socrática é inerente à filosofia. Em sua época, Sócrates questionava a cidade; hoje, a filosofia continua a questionar a cidade, mas interroga também a ciência, que desfruta por fim de inteira aceitação na cidade contemporânea.

Os primeiros pensadores



Demócrito

Indevidamente chamados de pré-socráticos, os primeiros filósofos gregos apresentam uma variedade de questões que dificulta tratá-los em bloco. Comum a todos, há um novo olhar que inaugura o que Platão chamará de *philosophia*.

POR **ADRIANO MACHADO RIBEIRO**

Um novo modo de pensar surge na Grécia no século VI a.C. O homem grego lança um olhar inquiridor à *physis* a fim de nela encontrar fundamentos racionais, fora dos âmbitos da religião. Tal grupo de pensadores é indevidamente chamado de pré-socráticos, pois há pensadores, como Demócrito, posteriores a Sócrates. A variedade de questões que apresentam também dificulta tratá-los em bloco. Comum a todos, no entanto, é a nova postura investigativa, mostrando um novo olhar e atitude que inauguram o que Platão chamará de *philosophia*.

Há razões históricas que justificam o surgimento desse pensamento laico na Grécia, visto que, no início do período arcaico, o mito grego se apresenta separado do ritual de consagração real. A função do rei, presente na tradição oriental, não existia mais na Grécia do século VIII a.C. O mito de soberania, desprendido do ritual que ele visava narrar, propicia assim um questionamento dos seus fundamentos e se apresenta como uma explicação do mundo.

Na Grécia tal modelo mítico que ordena o cosmo encontra-se na *Teogonia* de Hesíodo. Neste poema há uma narrativa sobre a origem do mundo. O nascimento dos deuses explica como o cosmo se organizou a partir de linhas sucessórias de deuses, chegando, como um mito de soberania oriental, até o poder de Zeus, a ordenação definitiva do cosmo. Mas tal ordenação, ao não encontrar ressonância hierárquica na sociedade grega, pôde ser

questionada. Os jônios, gregos do litoral ocidental da Ásia Menor, foram os primeiros a buscar um fundamento para o mundo na própria *physis*.

A Escola de Mileto, com Tales, Anaximandro e Anaxímenes, é o primeiro representante desse questionamento. Seu interesse era vasto: tratava-se de fazer uma história, uma investigação, sobre os processos físicos e biológicos. Em lugar de apresentar a origem dos deuses por uma teogonia, a questão era verificar como o mundo veio a ser, qual sua cos-

mogonia. Em vez de uma genealogia divina, era preciso encontrar causas, apresentar uma etiologia. Da natureza mítica passa o homem a investigar a ordenação da *physis*. O *ápetron* (ilimitado) de Anaximandro mostra a natureza como um sistema ordenado por uma lei interna. Mais importante, contudo, que a resposta, é a pergunta: surge aqui, a partir do horizonte mítico, um pensamento laico e investigativo que, ao questionar a ordem das *physis*, possibilita dialogar com outras respostas dadas ao mesmo problema.



Coruja, símbolo da sabedoria, em moeda de Atenas

Outra vertente desta nova atitude se apresenta com Pitágoras de Samos. Dele pouco se sabe. Nascido talvez em Mileto, ele fundou, na Magna Grécia, no sul da Itália, uma espécie de seita religiosa. A característica principal do primeiro pitagorismo teria sido o cuidado da alma. Postulando-a imortal, acreditava-se na metempsicose, no fato de que a alma, após a morte do corpo, pode transmigrar para outros corpos, de homens, animais ou vegetais. Posteriormente, no século V, dois seguidores de Pitágoras, Filolau de Crotona e Arquitas de Tarento estabeleceram uma relação entre a imortalidade da alma e uma ordenação matemática do mundo a partir de uma unidade e do fato de tudo que é cognoscível ter número. O *Fédon* e o *Timeu* comprovam a importância do pitagorismo para Platão.

O jônio Xenófanes de Colofão apresenta no século VI outra face do pensamento anterior a Platão. O legado mais importante de Xenófanes é sua contraposição à crença no politeísmo. Ele ataca Homero por apresentar deuses semelhantes aos homens. Diz ele que se os bois tivessem mãos e pudessem desenhar, fariam as formas dos deuses semelhantes a bois. Para Xenófanes há um único deus que em nada se assemelha ao homem.

Heráclito de Éfeso investiga, como os milésios, o fundamento da natureza. Para Heráclito ele se exprime por um *lógos* do qual os homens se afastam, pois não têm uma compreensão correta dele. Para Heráclito o mundo é uma harmonia de tensões contrárias, de arco e lira, pois há um eterno conflito que nunca se apazigua, um fogo que se acende e apaga eternamente. Heráclito, como Xenófanes, se contrapõe aos pensadores e poetas anteriores, que para ele mereceriam ser açoitados. Heráclito assim se propõe porta-voz de um saber que não é conhecido pelos demais homens. Foi chamado de obscuro, pois sua linguagem se aproxima da profecia. Platão o considera defensor da mudança, do

devir, pois teria dito que o mundo é como um rio em que não se pode entrar duas vezes, pois mudam continuamente as águas assim como quem nelas entra.

A tradição opõe Heráclito a Parmênides de Eléia, pois o primeiro defenderia o mobilismo contra o imobilismo do segundo. Mas pode-se afirmar que o pensamento de Parmênides, ao estabelecer como exigência para uma investigação da natureza os limites da própria razão, põe em

onde ele não está. Não nasce nem perece, pois não seria em algum tempo. O ser de Parmênides segue, pois, exigências que própria razão estabelece. Zenão de Eléia e Melisso de Samos foram discípulos de Parmênides que tentaram provar a tese do ser mostrando o absurdo da tese adversária, pois para eles o movimento leva a aporias.

As exigências de Parmênides ecoam nos que depois dele tentaram pensar a natureza e, ao mesmo tempo, responder a Parmênides. Os pensadores do século V a.C. tentam, pois, conciliar a pesquisa jônica às exigências de Parmênides, pois, além de encontrar algo imperecível, que sempre seja, procuram investigar e explicar o mundo da *dóxa* de Parmênides. Empédocles de Agrigento exclui a geração das coisas, pois tudo é mistura dos quatro elementos – fogo, terra, água e ar – que se mesclam e se separam segundo amor e ódio. Para Anaxágoras de Clazômenas tudo é formado de partes semelhantes, os homeômeros, que nunca são destruídos, pois eternos. Anteriormente, tais coisas foram unidas, até sofrerem a intervenção do espírito, que não se confunde com elas e, embora as ordene, não as separa completamente. Além disso, há sempre algo menor do que a menor parte.

Por fim, Demócrito de Abdera representa o atomismo antigo. Para ele, os elementos eternos são indivisíveis. Os átomos são a menor parte de tudo e reúnem-se pelo acaso no vazio. Demócrito admite o movimento: o ser eterno são os átomos que se movem no vazio, o não-ser. O mundo dos sentidos não é o ser, diferentemente daquele que não se vê, o dos átomos.

Tais pensadores inauguraram, pois, uma nova forma de observar o mundo. Criaram um novo campo de interesse para os homens. Na Grécia, nos séculos VI e V a.C., iniciou-se uma forma diversa de o homem estar no mundo: ao questionar a origem do mundo, o valor dos deuses, as regras do próprio pensamento, o homem grego iniciou uma tradição, a do amor do saber, a do conhecimento científico.



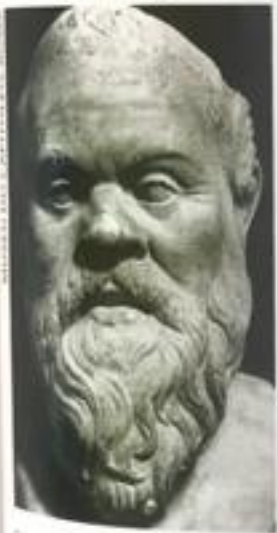
Pintura medieval representa Empédocles e a idéia de que o mundo se compõe de quatro elementos

questão toda a pesquisa anterior. Parmênides descreve seu encontro com uma deusa num poema sobre a natureza. Nele ela lhe afirma que a verdade é apenas o caminho do ser, pois este é e, portanto, não é não-ser. Só se pode, pois, pensar e dizer o ser. O não-ser não é e é preciso que não seja, pois é um caminho do qual ele deve se afastar. Também a via dos homens, da *dóxa*, da opinião, deve ser posta de lado, pois ser e não ser são considerados o mesmo. Para Parmênides, seguindo o princípio de que o ser deve ser igual a si mesmo, isso implica que o ser sempre deva ser, não se apresentando, pois, no mundo sensível. Este ser da razão é uno, pois se fosse vários, ele, por ser outro, não seria de algum modo. É imóvel, pois o deslocamento implicaria a ausência de ser



Morte de Sócrates, em alto-relevo de pedra do séc. IV a.C.

Sócrates e o sentido da filosofia



Sócrates

A investigação da natureza passa a se concentrar na indagação sobre o homem e seus valores. Sócrates nada escreveu, e seu pensamento sobreviveu por causa de dois de seus discípulos, Xenofonte e Platão

POR **ADRIANO MACHADO RIBEIRO**

Sócrates é um capítulo marcante no pensamento grego, pois só com ele a palavra *philosophia* encontra seu sentido. Ocorre, pois, mudança de rota em relação aos pensadores anteriores: a investigação da natureza passa a se concentrar na indagação sobre o homem e seus valores.

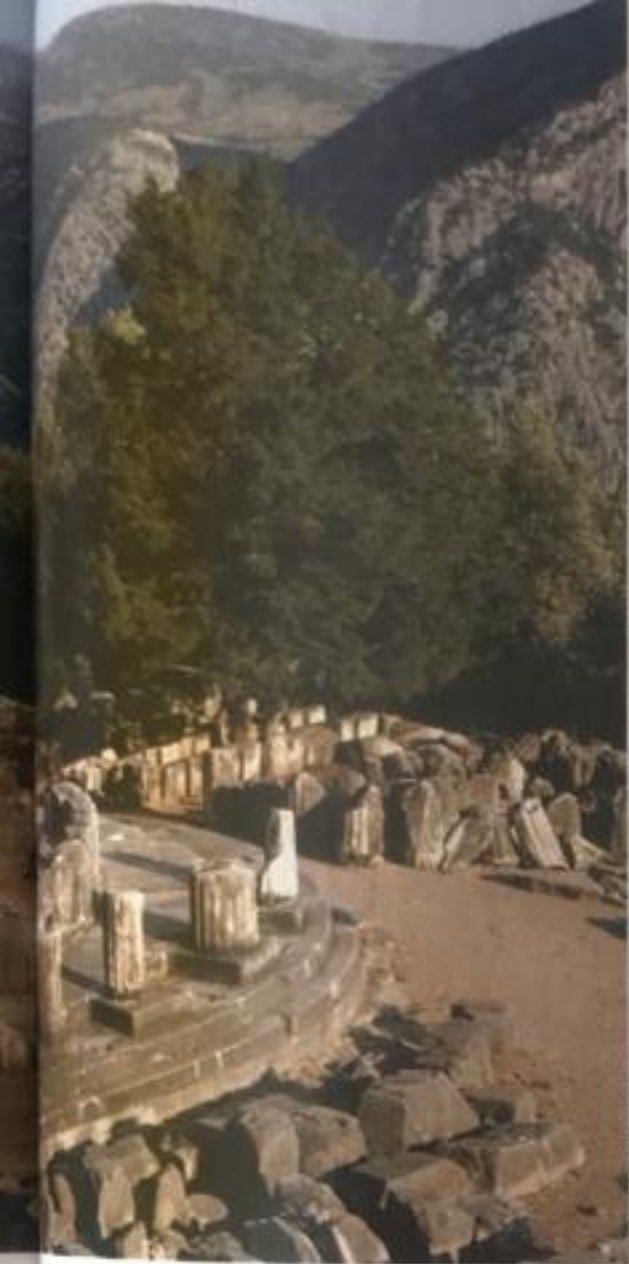
Há, contudo, problemas para apresentarmos o pensamento, pois Sócrates nada escreveu, sobrevivendo principalmente como personagem de dois de seus discípulos, Xenofonte e Platão, com o qual ele chega a se confundir. Sabe-se, porém, que houve outros: cirenaicos, cínicos e megá-

tivas bastante distintas, também tiveram Sócrates como referência.

Apresentar os contornos específicos do Sócrates histórico, tal como realmente tenha sido, é uma tarefa fadada ao equívoco. Resta mostrá-lo pelos traços de seus intérpretes. Há, contudo, acordo sobre certos dados históricos. Sócrates era ateniense, filho de um escultor e de uma parteira, que nasceu provavelmente em 470 e morreu em 399 a.C., condenado por Atenas à morte. Viveu, portanto, o apogeu da Atenas democrática, que saiu vitoriosa da luta contra os persas. Atenas e Esparta foram as principais cidades da resistência grega. Por ter sido destruída na segunda invasão,

Atenas cobrou impostos e taxas das cidades aliadas para sua reconstrução. Nesta, sob o comando de Péricles, a cidade viveu seu momento mais glorioso. As tragédias foram então apresentadas; vários dos seus monumentos mais conhecidos foram construídos; sábios de todas as partes da Grécia por lá passaram.

À glória, contudo, sucedeu a derrocada. A Guerra do Peloponeso opôs as duas principais cidades gregas que sobressaíram na resistência aos persas, e a derrota foi ateniense. Péricles morreu no início do combate, vitimado por uma peste que devastou a cidade. A glória assim nada propiciou para tornar melhores os cidadãos da cidade. Quanto a Sócrates, sabe-se que ele participou como soldado de algumas batalhas. Platão confirma tal participação em seus textos, como a *Apologia de Sócrates* e o *Laques*. Isso, contudo, não foi o mais destacável de Sócrates nesse período. É preciso, pois, deixar de lado os dados incontestes sobre Sócrates: passemos ao modo pelo qual ele foi visto, ao terreno difícil de trilhar, no qual Sócrates é um personagem apresentado segundo a visão de quem dele fala. Há aqui ao menos duas visões.



© TOPFOTO - KEYSTONE

tos; de ensinar os outros a fazer o mesmo, corrompendo os jovens.

A resposta de Platão separa o que Aristófanes tinha reunido. Sócrates afirma na *Apologia* que não é um *sophós*, um sábio, um daqueles investigadores da natureza como os pré-socráticos. Ele não investiga o que há sob a terra ou nos céus. Ele não é possuidor de um saber divino como Anaxágoras de Clazômenas.

Ele nada cobra dos jovens que o frequentam. Não é um estrangeiro que ensina valores morais, as *aretai*. Estes são variáveis de um grupo: Górgias, Eveno ou Hípias. Platão separa e especifica a atividade de Sócrates. As acusações são assim formuladas como equívocos de Aristófanes, pois Sócrates, por não quantificar monetariamente as virtudes nem ser um estrangeiro, não pode ser confundido com um sofista. O Sócrates de Platão nega assim transformar o argumento injusto em justo. Resta, contudo, uma questão: qual é a origem do preconceito contra Sócrates, já que ele afirma não fazer nada de mal?

Platão narra então a saga de Sócrates. Seu amigo Querefonte, ao perguntar ao santuário de Delfos qual seria o homem mais sábio de todos, recebeu a resposta: Sócrates era tal homem. Informado disso, Sócrates ficou perplexo: como ele, que nada sabia, poderia ser o mais sábio? Sua reação imediata foi a de mostrar o equívoco do oráculo, refutando-o. Procurou, pois, os homens tidos como sábios. Questionando os políticos, ele viu que estes criam saber, mas nada sabiam. Se poetas e profetas sabiam algo era por inspiração, pois não sabiam justificar o que diziam. Por fim, os artesãos sabiam algo importante: a especificidade de sua atividade; porém, pretendiam ter também o saber das virtudes, embora nada soubessem destas. Sócrates assim interpreta e confirma o oráculo: ele era mais sábio justamente por saber que nada sabia, enquanto os demais pretendiam saber mais do que de fato sabiam.

A atividade socrática é assim, segundo Platão, sancionada divinamente. Em vez de não crer nos deuses ele segue a ordem do não deus. Nos seus limites humanos, não é *sophós* nem *sophistês*, mas tem uma sabedoria humana, que sabe distinguir o bem do mal. Sua atividade é o *philosophein*, o filosofar, que

se apresenta como uma investigação moral na busca do bem. Seu método é o *elenchos*, ou seja, a refutação das teses do interlocutor, sendo este qualquer pessoa que se disponha a conversar. Mas as teses apresentadas devem ser aquelas em que o interlocutor acredita, pois não pode ser uma mera oposição discursiva sem o compromisso de quem as defende. Platão assim configura um Sócrates distinto dos sofistas: diferentemente de Protágoras e da antilogia por este defendida, ou seja, o fato de que para cada questão há sempre duas teses a se opor, Sócrates defende a dialética como a interrogação que investiga a própria vida dos interlocutores do diálogo, pois o importante é levá-lo a conhecer-se a si mesmo.

O problema socrático restringe-se, pois, à moral, nos limites do saber humano. A investigação por ele proposta busca pôr em questão os valores pelos quais os homens vivem. É preciso assim encontrar no tocante à alma o mesmo que se procura no cuidado do corpo. Utilizando a *epagoge*, o argumento indutivo, ele mostra a analogia das artes em relação às virtudes. Do mesmo modo que para cuidar do corpo, construir uma casa, cuidar de cavalos, é preciso recorrer a quem tenha conhecimento, no caso da educação dos jovens é preciso recorrer a quem saiba e possa ensinar. Daí Sócrates inferir que a virtude é um saber. Só se erra moralmente, portanto, por ignorância. O intelectualismo socrático acarreta outro paradoxo: é melhor sofrer o mal do que cometê-lo.

O Sócrates de Platão se mostra tanto na *Apologia* como nos demais diálogos socráticos como um paradigma em ação de suas convicções e raciocínios. A filosofia passa com ele a discutir assuntos humanos. Trazida dos céus para a terra, ela passa a habitar as conversações dos homens. Etimologicamente mais do que nunca ela se justifica: ela é amor desejoso e amigo (*philo-*) do saber (*sophia*), numa investigação incessante sobre os valores morais que devem modelar a vida humana. Saber humano, pois, ela se pauta por convicções do bem. Emblematicamente Sócrates assim responde pelo bem ao mal: sua morte mostra que foi preferível sofrer um mal do que cometê-lo. O Sócrates de Platão apresenta assim o filósofo no mais alto grau do pensamento antigo: a indissociabilidade entre os atos e a razão.

na é geralmente aceita como a mais próxima do pensamento de Sócrates. Por isso os diálogos desse grupo são chamados de socráticos ou aporéticos, ou seja, sem uma solução ou saída, visto que Sócrates refuta o interlocutor no diálogo sem dar uma resposta explicitamente afirmativa às questões formuladas por ele.

O Sócrates que Platão delineia nessa primeira fase se mostra em grande parte aquele que possivelmente tenha sido o seu primeiro texto em defesa de seu mestre. A *Apologia* é escrita por Platão como o discurso de defesa de Sócrates no tribunal. Mais do que apresentar um documento, trata-se para Platão de resgatar a imagem de Sócrates, realçando a grandeza do personagem e do seu pensamento. Vejamos, pois, como o Sócrates de Platão se apresenta na *Apologia*.

A acusação que leva Sócrates ao tribunal é formulada por Meleto. Esta, contudo, apenas reafirma uma mais antiga, cujo principal representante é Aristófanes. O teor da acusação é o seguinte: Sócrates é culpado por investigar o que há sob a terra e no céu, por impedir os jovens de cultuando novas divindades, de fazer valer argumentos injustos.